

A PEDAGOGIA DO ESPORTE EM JOSÉ MOURINHO

Alcides José Scaglia *

Resumo: O Técnico Português José Mourinho é um dos mais vitoriosos treinadores de futebol na atualidade. Traz em seu currículo o comando das principais equipes do cenário mundial, consubstanciado a uma série de títulos importantes e representativos. Neste estudo/ensaio exploratório, tenho por objetivo compreender o treinador José Mourinho a partir de sua aproximação com as novas tendências em pedagogia do esporte, desvelando então, a filosofia e metodologia de trabalho que permeiam suas ações interacionistas, destacando a consciente ruptura de paradigma e suas influências teóricas, as quais reforçam e ratificam seus diferenciais, permitindo que a partir desta investigação outros estudos possam ser desenvolvidos, aprofundando-se a partir dos temas destacados sobre este importante personagem do panorama futebolístico contemporâneo.

Palavras chaves: Treinador. Futebol. Ciências do Esporte.

THE SPORT PEDAGOGY IN JOSÉ MOURINHO

Abstract: The Portuguese Coach named José Mourinho is one of the most successful nowadays soccer coaches. José Mourinho brings under his belt the command of one of the top soccer teams from the world scene. In this exploratory essay the objective is to understand the coach José Mourinho according to his approach from emerging trends in sport pedagogy, then uncovering the philosophy and working method that underlie their interactionists actions highlighting his deliberate paradigm rupture and its theoretical influences, which reinforces and confirms their contrast position. The intention is to give bases to further studies that can go deeper into the highlighted issues about this important character of contemporary soccer scene.

Keywords: Coach. Soccer. Sports Science.

Introdução: desvendando o segredo de José Mourinho

Ao comentar o livro “Mourinho: porquê tantas vitórias?”, o próprio protagonista, na contra capa, expressa: “... este livro vai ser um livro fantástico, mas não vão ser muitos os treinadores de formação tradicional que, mesmo lendo-o cinquenta vezes, vão conseguir extrair dele coisas produtivas para o seu trabalho, porque não conseguem sistematizar a partir daí.” (OLIVEIRA, AMIEIRO, RESENDE BARRETO, 2006).

Não muito tempo depois, escutei de muitas pessoas ligadas direta ou indiretamente ao futebol, que ao lerem esta afirmação alardearam frases do tipo: “Nossa! Este Mourinho, além de ganhar muito dinheiro, é arrogante, prepotente...”.

Hoje, para o grande público, José Mourinho é um treinador consagrado por dirigir as melhores e mais respeitadas equipes de futebol da Europa, bem como conquistar os mais importantes títulos de competições entre clubes.

Contudo, poucos conhecem o Mourinho “epistêmico”, sendo então esse o

principal objetivo deste ensaio, tendo como ponto de referência a Pedagogia do Esporte, uma das disciplinas da área de Ciências do Esporte.

Propositalmente, começarei pela dúvida popular: Será mesmo que Mourinho é arrogante?

Não o conhecendo pessoalmente e não tendo possibilidade de acompanhar de perto seu trabalho, mesmo assim posso dizer, pelo esmiuçar de suas palavras relatadas no referido livro, que longe de ser arrogante, Mourinho demonstra visivelmente ser uma pessoa cansada de falar e fazer coisas que ninguém entende.

Mas como isso pode acontecer se Mourinho trabalha com futebol, e esse é o esporte mais disseminado no mundo e todos, bem ou mal, entendem desse jogo secular? (E ao dizer todos, quero deixar claro que estou incluindo jornalistas, dirigentes, técnicos e mais os especialistas que vivem e sobrevivem do futebol).

Vou deixar isto mais claro, a resposta é simples: Mourinho lê o mundo e o futebol, concomitantemente, a partir dos referenciais fornecidos pelo paradigma emergente. Isso quer dizer que ele já não vê mais o mundo de forma positivista.

Mourinho superou a lógica mecânica. Transcendeu o tecnicismo exacerbado que reinava (ou devo dizer reina) absoluto sob a sombra da frondosa e gigantesca árvore da ignorância que germinou, brotou, cresceu e se alastrou em meio aos gramados dos campos de futebol ao redor do mundo.

Os treinadores de formação tradicional aos quais Mourinho se refere são aqueles que ainda, influenciados pelo pensamento cartesiano, fragmentam o todo em partes e as trabalham de forma descontextualizadas, entre outras coisas. Em seus treinamentos ainda há espaço para o treino técnico separado do tático, depois do treino físico – que nas conjecturas atuais deveria tê-lo citado primeiramente -, e por fim o momento com a psicóloga (o psicólogo, pelo menos no Brasil, ainda não é tão reconhecido, pois para os treinadores tradicionais não existe treino emocional, pois, retratando uma fala corriqueira e generalista que começa mais ou menos assim: “No meu tempo não tinha...”).

Depois dessa digressão, volto ao tema para dizer mais uma vez algo muito simples: não dá para analisar o método adotado, ou melhor, construído por Mourinho, se você não rever seus conceitos e concepções de mundo.

Contudo, para quem já leu alguns autores como Thomas Khun (2003, 2011), Humberto Maturana (2002, 2006), Fritjof Capra (2001a, 2001b), Manuel Sérgio (2008, 2011), Edgar Morin (2001, 2002a, 2002b, 2003), Ilya Prigogine (2002, 1996),

Boaventura de Sousa Santos (2003, 2004, 2005), Antônio Damásio (1996, 2000, 2011), Albert Jacquard (1988, 1989), entre outros que constroem suas teorias alicerçadas por um ponto de vista teórico mais unificador, ou seja, interdisciplinar, interacionista, ecológico, complexo, autopoietico, sistêmico... a cada página do livro que se lê, desvela-se o porquê de tantas vitórias.

Mourinho, descuidando-se de sua defesa (teórica) – acredito, particularmente, muito movido pelo que disse no início deste ensaio -, acaba por se entregar. Ao partir para o ataque como um grande general temido por todos, desguarnea a retaguarda – até porque são poucos e inofensivos aqueles que podem entender sua estratégia – e apresenta, em alguns momentos com requintes de detalhes, como desenvolve todo o seu trabalho.

Toda sua forma de pensar o jogo e o treino é escancarada ao expor sua metodologia. Logicamente, contradições aparecem, mas nesse momento elas se tornam tão irrelevantes perto do imenso, do incomensurável avanço teórico, prático, e posso dizer até filosófico ao futebol mundial que José Mourinho nos traz.

Nesse momento é possível se fazer a primeira aproximação com a Pedagogia do Esporte, pois tudo o que se revela está muito alicerçado, alinhado e coerente aos princípios e pressupostos paradigmáticos e metodológicos, alardeados pelas novas tendências em Pedagogia do Esporte, como podemos confirmar em Paes (2002), Freire (2002, 2003), Greco e Benda (1998), Bento; Moreira (2012), Greco (1998), Garganta (1995), Gréhaigine (2001), Kroger; Roth (2002), Scaglia (2011, 2014), Bayer (1994), Griffinet al. (1997), Oliveira; Tavares (1996), Mesquita (1996), Mesquita e Graça (2009), Reverdito; Scaglia (2007); Leonardo; Scaglia; Reverdito (2009), Reverdito; Scaglia (2009); Scaglia; Reverdito; Leonardo; Lizana (2013); Scaglia; Reverdito; Galatti (2013), Scaglia; Reverdito; Galatti (2014), entre outros.

Assim sendo, quero continuar este texto procurando entender um pouco mais este técnico singular, investigando e revelando o quanto mais as novas tendências em pedagogia do esporte estão impregnadas e, ao mesmo tempo, são impregnantes no desenvolvimento de suas funções e pensamentos como treinador de futebol.

Aprendendo com José Mourinho

“José Mourinho é um gênio!”. Quem disse isso foi o filósofo português Manuel Sérgio (2013), o maior estudioso da motricidade humana, quando afirmou que

Mourinho se encontra como treinador no mesmo nível de um Maradona e de um Pelé como atletas, e mais, o tempo dirá que ele está certo.

Penso que não é preciso tempo para afirmar o quanto o treinador português se mostra diferenciado dos demais atores que atuam com visibilidade no cenário mundial do futebol.

Confirmo isso ao terminar de ler o livro de seu biógrafo oficial, Luís Lourenço (2006), intitulado “José Mourinho: um ciclo de vitória”. Nesse, que é considerado o único livro biográfico oficial do treinador, é possível entender como Mourinho construiu e arquitetou seus diferenciais.

Ler biografias é um grande aprendizado. Todos que almejam sucesso em qualquer que seja a carreira pretendida deveriam ler biografias. Tantas vezes, ao ler entrevistas de consagrados escritores, constatei, nas entrelinhas de seus discursos, a importância que os mesmos atribuíam à leitura sobre a história de vida, ou mesmo, as memórias de outros escritores, deixando transparecer até que preferiam as biografias às obras literárias do biografado.

Por exemplo: ao ler as memórias do escritor colombiano Gabriel García Márquez (2003), ganhador do prêmio Nobel de literatura, pude fazer um passeio imaginário por uma Macondo que não tive oportunidade de conhecer mesmo depois de ter lido e relido o livro “Cem anos de solidão”. A Macondo, a cidade dos Buendias relatada no livro, transformou-se, ganhou adereços e novas cores, ou seja, é outra visitada agora em companhia de seu idealizador.

Mas o leitor deve estar pensando: o que tem a ver Macondo, Gabriel García Márquez e “Cem anos de solidão” com o futebol e, em especial, com a genialidade de José Mourinho?

O que estou querendo dizer é que não bastam as aparências para se dizer conhecedor de algo. Não posso dizer que conheço alguma coisa apenas pela superficialidade, ou mesmo, somente por meu ponto de vista.

Conhecer é mergulhar no desconhecido. É se aventurar pelos caminhos não trilhados. Ou como diria San Juan de la Cruz, citado pelo pensador da complexidade Edgar Morin: “Para atingir o ponto que tu não conheces, tu deves pegar o caminho que tu não conheces.” (MORIN, 2002, p. 21).

Desse modo, para se aventurar na busca pelo conhecimento é preciso se despir de seus pré-conceitos, que muitas vezes se caracterizam mais como preconceitos. E que na verdade impedem muitos de conhecer.

Lendo biografias de escritores é possível entender a lógica de suas narrativas, o vínculo de suas respectivas obras literárias com o seu tempo e sua história de vida.

O mesmo posso dizer ao ler as já várias biografias de Mourinho (LOURENÇO, 2006; MARINHO 2007; AMHURST, 2006; BARCLAY, 2006), ou então lendo outras biografias de técnicos, jogadores e esportistas de um modo geral: Luiz Felipe Scolari (OSTERMANN, 2002), Telê Santana (RIBEIRO, 2000), Bernardinho (REZENDE, 2006), Pelé (WINTER, 2014), Garrincha (CASTRO, 1995) e Ayrton Senna (RODRIGUES, 2004), por exemplo.

Lembro-me, por exemplo, do quanto foi importante ler a biografia de Senna, pois o tinha como um mito, e depois da leitura o mito se desfez, ficando apenas o excepcional atleta, o que em nada o diminui, mas o humaniza, deixando-o falível. Ou mesmo a confirmação dos paradoxos entre a narrativa e a ação do excepcional técnico Bernardinho (REZENDE, 2006), facilmente desvelados ao se fazer uma análise do discurso implícito no livro “Transformando suor em ouro”.

Destarte, se quero conhecer alguém ou alguma coisa, faz-se necessário aprender a pesquisar, investigar, agir como um detetive, que percorre lugares diferentes (muitas vezes sem conexão aparente) para encontrar pistas que o leve a desvendar um caso, como nos ensinou Sherlock Holmes e Hercule Poirot, nas narrativas policiais de Agatha Christie e Arthur Conan Doyle.

Infelizmente, nossa educação vacila na formação de jovens pesquisadores. Ela ainda de modo geral, muitas vezes velado, preocupa-se apenas com a memorização de informações ora descontextualizadas. Nossa educação deveria se guiar por uma pedagogia por projetos (HELM & BENEKE, 2005; BOUTINET, 2002), ou mesmo uma pedagogia do trabalho como propôs Célestin Freinet (1991; 1998), ao afirmar que a escola tem por missão preparar para a vida, não para a ela se adaptar, mas sim transformar para o viver mais e melhor, agregando valor ao cotidiano e contribuindo à afirmação da condição do humano de ser por natureza um ser carente por superar-se, num ambiente democrático.

Mas, muitos professores ainda tradicionais, quando questionados a esse respeito dos conteúdos esquartejados, dizem que isso e aquilo serão importantes para o futuro. Mas o futuro é inatingível sem um presente desafiador. A escola só terá sentido quando o aluno descobrir o seu sentido, e não quando, hipoteticamente, querem descobrir por ele.

No futebol acontece a mesma coisa: a escola formal (aprender) não faz sentido. Muitos jogadores não estudam. Logo, muitos técnicos não estudam. A preparação para ser técnico se dá pela reprodução empírica do que já existe. Não existe escola para treinadores, por mais absurdo que isto possa soar.

Os técnicos, em sua grande maioria, não veem nada além do futebol, não vão buscar conhecimentos em outras áreas. Não aprenderam a ser pesquisadores, não aprenderam a desvendar o ser humano.

A esse respeito podemos nos perguntar: Quanto tempo ainda demorará para encontrarmos um número maior de treinadores, assistentes, preparadores, jogadores profissionais, jogadores em formação que otimizem seu tempo, refletindo sobre o seu trabalho (lendo biografias), estudando e planejando suas conquistas? Quanto tempo ainda até que comecem a escrever o seu dossiê particular, como fez e ainda faz Mourinho (LOURENÇO, 2006), registrando nele os seus princípios, suas virtudes, seus pontos vulneráveis, seus sonhos, suas conquistas, seu planejamento da carreira, ou seja, criando e reafirmando seus diferenciais?

E lembre-se que nos dias de hoje, quem não têm diferenciais é mais um neste mundo abarrotado de pessoas que ingenuamente, ou de modo acomodado e alienado, fazem parte do grupo dos comuns. Esses podem até alcançar algumas vitórias em determinados momentos, mas obter certo nível de desenvolvimento sustentável é reservado a poucos, àqueles que apresentam diferenciais, como já advertia Maquiavel (1999), em seu clássico livro “O Príncipe” (por sinal, livro que todo técnico deveria ler), quando discorria sobre a *virtù* e a fortuna.

Novamente, lendo alguns estudos (OLIVEIRA, AMIEIRO, RESENDE BARRETO, 2006; LOURENÇO; ILHARCO, 2007; LOURENÇO, 2010) e as suas biografias autorizadas ou não (LOURENÇO, 2006; MARINHO 2007; AMHURST, 2006; BARCLAY, 2006), José Mourinho apresenta inúmeros (e ele tem consciência disso). Nele, a *virtù* e a fortuna abundam, só não vê quem não quer se despir de suas verdades. Ou então, porque não aprenderam ainda a ver. Mas tudo pode ser aprendido a qualquer momento da vida. Basta o ser humano querer.

Entrementes, talvez valha um conselho: posso dizer que agregará muito valor a sua carreira conhecer o técnico José Mourinho. Não estou querendo dizer segui-lo, ou mesmo idolatrá-lo, mas sim estudá-lo, racional e metodicamente, de modo a, adentrando em seu universo teórico, compreender sua filosofia.

A filosofia de José Mourinho

Filosofia e futebol. Água e óleo? Para muitos que militam no e sobre o futebol, sim. Para todos os boleiros, com certeza. Contudo todos esquecem a metáfora escrita na Bíblia sagrada em que a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular.

Estas referências me servem como analogia para discorrer sobre o imenso diferencial do técnico José Mourinho. Ele não rejeitou a filosofia! A filosofia, paradoxalmente, materializou-se nos treinamentos do técnico português, quando colocou em prática os ensinamentos de seu professor, o filósofo Manuel Sérgio (MOURINHO, 2007).

Manuel Sérgio (2008, 2011), em várias oportunidades, já mencionou: se você quiser saber mais sobre futebol, estude o ser humano, desvele a intencionalidade de seu movimentar-se, descubra como fazer com que seus treinos levem os jogadores (entendidos enquanto seres humanos e não apenas seres biológicos) à transcendência, à superação, a ser mais.

A busca pela compreensão do humano abriu uma frincha às ciências humanas. Esta fissura permitiu à filosofia, à pedagogia, à psicologia adentrar ao hermético universo do futebol.

Hoje, por meio da pouca, mas intensa luz que pela fresta se irradia e se expande cada vez mais com maior intensidade, antevejo a inevitável queda das barreiras físicas e metafísicas que impedem a superação do modelo atual de organização e gestão (em todos os níveis) do futebol.

Avento e não profetizo como Cassandra de Tróia, que Mourinho se equivale ao grande presente grego. O técnico português é como um cavalo de Tróia para os adoradores do futebol. Ou seja, as felicidades advindas de suas vitórias e conquistas encobrem o germe de lucidez, sapiência e transcendência que traz no interior de suas intencionais ações, provocando, inevitavelmente, a queda do império cartesiano, onde o paradigma mecanicista legisla, julga e executa as ações no futebol.

Em uma das páginas do livro que busca explicar o porquê de suas tantas vitórias, Morinho revela o seu conhecimento explícito sobre filosofia, mais precisamente sobre filosofia da ciência (MOURINHO, 2007).

Ele explica de forma didática os problemas gerados pelo paradigma mecanicista no futebol e ainda vai ao cerne da questão criticando todos os técnicos

que ainda insistem em se pautar por um modelo obsoleto.

No excerto da entrevista a um jornal português, Mourinho afirma:

[...] parece-me quase óbvio que a maioria das seleções nesta fase final da Euro 2004 tem no treino analítico o epicentro da sua preparação. Sou [...] defensor de uma perspectiva totalmente antagônica do treino, com a integração [entenda-se interação] de todos os factores [entenda-se dimensões], alicerçados na organização e preparação tática. [...] Resumindo, fazendo com que o todo passasse a ser superior à soma das partes. (OLIVEIRA; AMIEIRO; RESENDE; BARRETO, 2006, p. 36).

O treino analítico a que Morinho se refere advém indiretamente das propostas teóricas formuladas no século XVII por Descartes (1999) em seu clássico livro “Discurso do Método”. Este livro reformou as ideias em seu tempo e ajudou, significativamente, a dar azo ao surgimento da ciência moderna e ao estabelecimento de uma forma de pensar e conceber o mundo a qual se convencionou denominar pensamento mecanicista, originando o paradigma cartesiano.

O pensamento mecanicista é analítico, linear, e procura explicar o homem comparando-o a uma máquina que funciona a partir da harmonia de suas engrenagens. Logo, esta forma de conceber o mundo busca compreender os objetos delimitando de modo pragmático suas fronteiras para em seguida decompô-lo em partes, simplificando assim a compreensão do todo e desmistificando (ou hoje poderíamos dizer desprezando), sua complexidade.

Ao colocar em prática esta ação reducionista, retira-se o objeto de estudo (o qual seria o alvo da investigação) de seu contexto, separando-o e o ordenando em partes menores para decifrá-las. Acreditava-se então, que a soma das partes decifradas seria maior que uma análise contextual do todo.

José Mourinho, ao falar dos treinos analíticos, está querendo dizer na verdade que todos os treinadores fazem a mesma coisa porque fragmentam o futebol em partes, como por exemplo, o técnico, a tática, a psicológica e a preparação física, explorando-as de forma desconexas em seus treinamentos e ainda, descontextualizadas perante as exigências e ocorrências circunstâncias do jogo (entendido com o todo).

Já o modo de conceber o treinamento em futebol do técnico português é diametralmente oposto, devido ao fato dele não ler o futebol com os desfocados

óculos do paradigma mecânico.

As premissas que sustentam a visão de mundo de Mourinho estão ancoradas no paradigma emergente, que vem para superar a metáfora mecanicista da máquina humana. A melhor metáfora para explicar o homem e o mundo passa a ser a do organismo vivo, que se encontra em constantes e sistêmicos processos adaptativos e de auto-organização, evidenciando que o todo seria maior que a soma de suas partes.

A ciência deve muito a Descartes, a Bacon, a Newton, entre outros fundadores do pensamento cartesiano..., mas as ideias advindas do racionalismo não são mais suficientes para explicar os novos fenômenos descobertos, assim sua superação é anunciada como irreversível por pungentes cientistas, que tecem estudos evidenciando o quão obsoleto é esse modelo de pensamento, além de apregoar o crítico momento revolucionário em que se encontra o pensamento científico (KUHN, 2003; SANTOS, 2004, 2003; DAMÁSIO, 1996).

A crise do pensamento científico se iniciou no começo do século XX com os trabalhos de Einstein, relativizando o tempo e o espaço, e da física quântica de Heisenberg e Bohr, derrubando a leis de Newton no tocante à microfísica (SANTOS, 2003).

A necessidade de superação do pensamento racionalista/analítico já ultrapassou os limites da Física, adverte outro renomado português, o cientista social Boaventura de Souza Santos (2004), progenitor, defensor e divulgador dos propósitos do novo paradigma, afirmando que este está emergindo da crise do pensamento científico, e se mostrará cada vez mais facilitador no processo de construção de conhecimentos prudentes para uma vida decente.

Desse modo, a visão global, sistêmica, holística, hologramática, ecológica, complexa, ou seja lá qual for o adjetivo à qualificar o pensamento de Mourinho, longe de se preocupar com as partes, ou mesmo estabelecer onde começa o físico e acaba o psicológico, o tático e o técnico, preocupa-se com o processo organizacional do jogo (concebido como todo).

Um treinamento, ou melhor, saber treinar, só se mostrará válido e interessante quando possibilitar aos jogadores operacionalizarem as ideias que serão realmente utilizados no jogo, permitindo assim que toda uma equipe possa, por intermédio de treinos contextualizados, aprender a ler o jogo, e encontrar nele as características que substituem o determinista pensamento analítico. Como, por exemplo, as

destacadas por Boaventura de Souza Santos, em uma das suas mais importantes obras “A Crítica da razão indolente”:

Em vez de eternidade, temos a história; em vez de determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpretação, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem [...]. (SANTOS, 2005, p. 70).

Portanto, talvez Mourinho para o universo do futebol, obviamente guardada as devidas proporções, possa se comparar a Epicuro, o filósofo grego do período Helênico, quando este, no entendimento do contemporâneo filósofo francês Luc Ferry (2007), incomodava a harmoniosa e perfeita concepção de cosmo dos estoicos, com suas alusões à desordem e ao caos.

Ou seja, Mourinho em consonância com teóricos, principalmente das ciências humanas, que estudam o jogo, concebe que este tende ao caos, à desordem e à constante busca pela organização a partir das interações, assim não teria uma disposição à ordem como acreditam os técnicos que ainda insistem em utilizar uma metodologia linear e tecnicista, sustentada por um paradigma que apregoa e alicerça a máxima: Ordem e Progresso.

O principal diferencial de José Mourinho a partir da Pedagogia do Esporte

“Treino é treino, jogo é jogo!”. Este é um dos adágios populares mais alardeados nas searas futebolísticas. Jornalistas, técnicos, jogadores, torcedores... já escutei esta frase de todos eles. Contudo, o problema não se resume no reproduzir este ditado, mas em acreditar nele.

Esta máxima, se levada ao pé da letra, me permite concluir que não tem sentido treinar. Se o treino é circunscrito em si, ou seja, tem um fim nele mesmo, não mantendo relação com o jogo, treinar passa a ser apenas ocupação de tempo ocioso antes do jogo, pois o mesmo não prepara os jogadores para enfrentar os problemas do jogo.

José Mourinho, mesmo não utilizando este adágio, disse de outro modo a mesma coisa em um pequeno trecho do livro “Um ciclo de vitórias” (LOURENÇO, 2006, p. 42-43). Em 2000, depois de sua estreia com derrota no Benfica, Mourinho constatou que faltava hábito de trabalho no clube e para isto justificou-se

destacando a falta de agressividade (importante não confundir com violência e sim com atitude e intensidade de concentração) nos treinos.

[...] havia a questão da agressividade no treino, que era inexistente. Algumas 'individualidades' simplesmente não queriam que houvesse o mínimo de agressividade nos treinos. Resultavam daí que treinavam sem caneleiras, logo sem contacto e sem situações competitivas. Os treinos no Benfica eram, no mínimo, caricatos. Diariamente, um grupo de bons rapazes dava uns toques na bola, fazia umas corridas e era tudo. (LOURENÇO, 2006, p. 42-43).

Para entender melhor o que disse Mourinho, recorri às inquietações filosóficas de nosso filósofo da Educação, o professor Paulo Guiraldelli Jr. (2007), que em uma de suas aulas virtuais, disse que o conceito de filosofia poderia se resumir na desbanalização do banal. Ou seja, o filósofo quer dizer que o trivial (banal), o comum, o corriqueiro, o habitual, passa a incomodar o filósofo, que então se debruça a investigar e desvendar o que o senso-comum encobriu.

Por meio da afirmação do filósofo Paulo Guiraldelli Jr. (2007), posso inferir que Mourinho filosofou a respeito dos treinamentos no Benfica (que pode ser generalizado para uma grande quantidade de clubes). Ele exatamente desbanalizou o banal ao abordar algo óbvio, mas que ninguém, via, vê ou quer ver.

No futebol os treinos e seus objetivos são banalizados. Pode-se dizer isto no sentido de que os mesmos não se preocupam necessariamente em manter uma relação com o acaso e as exigências presentes no jogo. Por exemplo, nos treinos reina a previsibilidade, no jogo impera a imprevisibilidade (FREIRE, 2002, 2003; SCAGLIA, 2011).

Explico: desde a rotina da semana, passando pelo aquecimento, treinos físicos, treinos técnicos, treinos táticos, até a nutrição antes do jogo, são previsíveis, no sentido de sempre se repetirem, enquanto que o jogo é marcado por situações inesperadas e irreduzíveis, logo nunca uma mesma jogada se repete, uma mesma ação é reproduzida, ou mesmo, um gol igual ao outro é convertido.

Na maioria dos clubes a preparação física acontece desintegrada das demais preparações (técnica, tática e emocional) e longe do campo de jogo, sem bola, e ainda mais, por incrível que possa parecer, com a imposição autoritária do técnico impedindo o preparador físico de literalmente por as mãos na bola.

Já no jogo os jogadores jogam com o físico, a técnica, a tática e o emocional, todos integrados. Não há possibilidade de no jogo de futebol separá-los em partes,

reduzi-los a momentos em que as valências físicas possam ser isoladas dos demais componentes do jogo, sem influenciar e ser influenciada pelos mesmos.

Os treinos técnicos são analíticos, repetem-se movimentos de forma descontextualizada do jogo, ou melhor, treina-se a reprodução de movimentos fechados, padrões gestuais são preestabelecidos. Adestra-se uma habilidade fechada. Desse modo, formam-se exímios malabaristas com a bola nos pés e inaptos jogadores (GARGANTA, 1995; SCAGLIA, 2011).

No jogo são exigidas habilidades abertas, pois as exigências de execução são sempre variadas e requerem constantes adaptações, ajustes inesperados. Logo, se os jogadores nos treinos não são estimulados a potencializar suas respectivas capacidades adaptativas, estes se apresentam como inadequados, ou até contraproducentes na perspectiva de altos rendimentos.

Já os treinos táticos realmente não exigem a utilização de caneleiras, como advertiu Mourinho, pois, na maioria deles, os marcadores fazem sombra aos atacantes titulares, ou seja, apenas acompanham a jogada, dando azo até às típicas situações constrangedoras em que, se a sombra for muito grande em tamanho e menor em idade e o jogador titular muito pequeno em atitude e vontade, este humilha esse.

Fala-se aos quatro cantos do mundo da bola que os treinos táticos ensaiados e coreografados já foram alvo de crítica de um dos mais paradoxais gênios do nosso futebol brasileiro. Diz-se que Garrincha certa vez, depois de participar de um desses treinos perguntou ao técnico se já haviam combinado também com o time adversário.

Garrincha foi e é motivo de piadas e chacotas no meio futebolístico em relação a sua hipotética limitação intelectual. Mas, será que ele estava errado ao fazer esta colocação (se é que a fez na verdade)? Ou será que ele estava errado apenas na perspectiva do paradigma cartesiano, no qual manda a ordem linear? Pois, à luz do paradigma da complexidade descrito por Edgar Morin (2001; 2002), seria somente combinando com o adversário para que se possa criar um ambiente para a materialização e transferência de conhecimentos da coreografia de acontecimentos ensaiados no treino para realidade do jogo.

O jogo sempre tende ao caos, à desordem (FREIRE, 2002; SCAGLIA, 2005a; 2005b). Os treinos criticados por Mourinho acercam-se da ordem, da linearidade. Até os treinos coletivos, que se caracterizam como jogo, muito raramente acontecem se

levando em conta fatos que são corriqueiros, como, por exemplo, a desigualdade numérica. Uma equipe nunca treina como jogar com um ou dois jogadores a mais ou a menos, porém se depara, inevitavelmente, com esta situação quase que em todos os jogos.

Portanto, a partir da simples, da aparente constatação de que os jogadores do Benfica não usavam caneleiras (fato banal, invisível aos olhos positivistas) é possível entrever que a agressividade (no sentido de ações/desafios que põem o jogador em jogo, atitude) se apresenta como um importante indício, que nos mostra o quanto os treinos não guardam semelhanças com o que acontece no jogo, logo, desnecessários; logo, caricatos.

Ao desbanalizar o treino banal, José Mourinho edifica e consolida sua peculiar metodologia de treinos e alinha a forma de pensar das novas tendências em Pedagogia do Esporte (SCAGLIA, 2014). E, digo novamente, até de maneira inocente ele nos ensina como fazer para que as ações do treino possam ser transferidas para o jogo:

Para dar um exemplo, imaginem-se duas equipas, num quadrado de 30 metros de lado, onde cada uma delas tenta manter a posse da bola. Se eu reduzir o quadrado, de 30 para 10 metros de lado, modifico logo tudo porque os obrigo a uma maior proximidade entre eles, logo mais contacto físico, logo mais competitividade, e por aí fora. Outra alteração que introduzi foi o uso obrigatório de caneleiras. (LOURENÇO, 2006, p.43).

Então posso entender que o notório técnico português ressignificou o ditado popular que diz que treino é treino, jogo é jogo. Por intermédio de José Mourinho e sua inovadora metodologia o adágio passa a ser: “Treino é jogo, jogo é treino”.

A metodologia de trabalho de José Mourinho

Em momentos anteriores deste ensaio abordei os alicerces da filosofia de Mourinho e seus diferenciais. Nessas abordagens devo ter passado a impressão de passionalidade, parecendo estar enfeitiçado pelas ideias do técnico português.

Desculpem-me aqueles que ainda não entendem a importância do trabalho transformador do técnico de futebol José Mourinho, mas estou imbuído em desvendar as virtudes desse português, independente dos conservadores e ultra-conservadores que, infelizmente, têm vez, voz e voto no cenário atual de nosso

futebol, para ajudar os proletários da bola, que constroem a revolução de forma inteligente, criando condições para um dia tomar o poder.

Para finalizar este ensaio, quero instigar uma discussão mais específica, revelando aspectos peculiares da filosofia de Mourinho, as quais coadunam na concretização de sua metodologia de trabalho.

Para isto poderia iniciar parafraseando as ideias do treinador português, mas escolho citar literalmente a sua fala, para que meus comentários posteriores possam ser os mais fidedignos possíveis.

Desse modo, destaco a lição pedagógica descrita no início do livro “Um ciclo de vitórias” (LOURENÇO, 2006) e depois ampliada e aprofundada em outro estudo (LOURENÇO, 2010), quando Mourinho comenta como a convivência com os jogadores do Barcelona despertou nele a necessidade de repensar sua forma de conduzir um treino, possibilitando assim a construção de um dos aspectos de sua metodologia, batizada de “descoberta guiada”. O treinador explica:

Jogadores com este nível não aceitam o que lhes é dito apenas pela autoridade de quem o diz. É preciso provar-lhes que estamos certos. A velha história do *mister* ter sempre razão não é aqui aplicável. [...] O trabalho tático que promovo não é um trabalho em que de um lado está o emissor e do outro o receptor. Eu chamo-lhe a descoberta guiada, ou seja, eles descobrem segundo as minhas pistas. Construo situações de treino para os levar por um determinado caminho. Eles começam a sentir isso, falamos, discutimos e chegamos a conclusões. Mas para tal, é preciso que os futebolistas que treinamos tenham opiniões próprias. Muitas vezes parava o treino e perguntava-lhes o que eles sentiam em determinado momento. Respondiam-me, por exemplo, que sentiam o defesa direito muito longe do defesa central. Ok, vamos então aproximar os dois defesas e ver como funciona. E experimentávamos, uma, duas, três vezes, até lhes voltar a perguntar como se sentiam. Era assim até todos, em conjunto, chegarmos a uma conclusão. É a esta metodologia que chamo a descoberta guiada. (LOURENÇO, 2006, p. 26 e 27).

Antes de continuar preciso salientar que apesar de dizer que Mourinho nos dá uma aula sobre princípios pedagógicos, estou me dirigindo ao mundo do futebol, pois para os pedagogos (que se opõem à abordagem tradicional) isto já é lugar-comum, ou seja, todos os novos professores que atuam nas escolas já dominam e aplicam estas estratégias metodológicas em suas aulas (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014).

Mas, a maioria dos treinadores de futebol, professores e formadores de jovens futebolistas, não renovaram seus conhecimentos pedagógicos, ou seja, ainda

seguem ingenuamente os preceitos da abordagem tradicional.

Qualifico-os como ingênuos, devido ao fato dos mesmos não terem consciência da existência de qualquer princípio pedagógico em seus treinos. Treinador é treinador, treina, não ensina. Treinador adentra movimentos, impõem de forma autoritária suas verdades, tratam os jogadores como objetos manipuláveis para suas conquistas pessoais (SCAGLIA, 2014).

Todas estas características os qualificam e os agrupam juntos aos seguidores da abordagem tradicional de ensino e, ao mesmo tempo, propagadores da metodologia de ensino analítica. Alegóricos esses são combatidos por inúmeros pensadores da pedagogia contemporânea, como, por exemplo, os mestres Paulo Freire (2011) e Célestin Freinet (1991, 1998), além dos estudiosos da psicologia da aprendizagem, dos quais destaco rapidamente os maiores, Jean Piaget (1976, 1978 e 2003), Lev Vigotski (2000) e Winnicott (1983).

Sendo assim, novamente vejo o português José Mourinho como um pedagogo treinador, que apresenta, pelo menos nestes aspectos descritos, conhecimentos atualizados em relação à pedagogia e, concomitantemente, à pedagogia do esporte, reforçando o mote deste ensaio.

O professor/treinador demonstra ter uma grande preocupação em respeitar o conhecimento que os jogadores possuem, pois os trata como seres humanos. Pessoas pensantes, que não só tem, como devem adquirir opinião crítica própria, para o bom desenvolvimento do processo metodológico.

Além do fato de que abrir espaço para os jogadores questionarem a estruturação tática da equipe em hipótese alguma tira do treinador sua autoridade, pelo contrário, reforça-a pelo respeito.

Ele é sabedor da máxima pedagógica de que mandar e o aluno fazer não caracteriza ensino, muito menos significa que o educando aprendeu o que ele fez. Um dos mais respeitados teóricos da aprendizagem, o suíço Jean Piaget (1978), em seu livro *Fazer e compreender* deixa claro que fazer não significa compreender. Fazer se encontra no nível da ação, gerando apenas uma competência para sua reprodução e afirmação. Compreender está para a conceituação, ou seja, quem compreende sabe explicar o porquê da ação, e se é dominante desse conceito, potencializa sua capacidade de readaptá-lo às novas exigências e não apenas sua reprodução alienada (PIAGET, 1978).

A preocupação de Mourinho está em ajudar seus atletas a construir

conhecimento, fazer com que eles compreendam como ele está analisando taticamente a equipe, contudo, em meio ao desenrolar do processo, está preparado para mudar sua forma de pensar.

Em decorrência da opinião emitida pelos jogadores pode ser que tudo mude, e a descoberta guiada seja também sua, confirmando as sábias e experientes palavras do nosso professor Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção [...] Logo, nem formar é ação pela qual um sujeito criador [treinador] dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (FREIRE, 2011, p. 47).

Assim sendo, sintetizando, o princípio metodológico de Mourinho – descrito como descoberta guiada – se resume à criação de um ambiente facilitador de aprendizagem significativa. O treinador português instiga seus jogadores a superar desafios, criando situações problemas que engendrem a necessidade de um tateio experimental, que proporcione a tríade ação-reflexão-ação.

Ao dando voz aos atores do processo por meio de tempos técnicos, os jogadores têm liberdade para pensar e interagir, fazendo com que se sintam sujeitos da metodologia e participantes ativos no desenvolvimento da preparação da equipe.

Se todos são co-autores e conhecedores do esquema, o mesmo passa a ser auto-regulado, organizado pelos próprios jogadores no campo, abrindo espaço para que o treinador possa pensar em outras estratégias para surpreender o adversário.

Sendo assim, extingui-se a necessidade do técnico ficar berrando na beira do gramado frases como esta: “agora cruza”; “passa”; “vira o jogo”; “chuta”..., com um intuito explícito de tentar fazer com que os jogadores joguem a seu modo, e outro implícito, preocupando-se em mostrar aos outros que agindo de tal modo está, aparentemente, trabalhando.

Entretanto, não sou ingênuo, pelo contrário sou provocador, pois caminho para o fim deste ensaio tendo consciência de que tudo o que foi exposto e discutido – para aqueles que ainda, consciente ou inconscientemente, norteiam-se na abordagem tradicional – não passa de perfumaria, adereços, detalhes de menor importância que efetivamente não ganham jogos. Assim não conseguem enxergar os princípios pedagógicos como decisivos diferenciais e acreditam que ensinar e aprender dependem apenas da entonação de ordem bem dada.

Portanto, estão longe de entender os porquês de tantas vitórias de José Mourinho, e, ao mesmo tempo, conseguir fazer conexões e reflexões úteis à sua vida profissional a partir do que nosso mais renomado e reconhecido pedagogo Paulo Freire, quer dizer neste excerto:

Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura, e, muito menos, sem uma metodologia consistente, consciente e coerente. (FREIRE, 2011, p. 96).

A reflexão de Paulo Freire é uma bela, importante, fundamental e indispensável lição!!!

Considerações finais

Se há ciência no futebol... Ou deveria dizer, quando há ciência no futebol, esta se circunscreve às ciências biológicas. Ao pensarmos, ainda de modo cartesiano, na divisão das ciências em três grandes áreas do conhecimento, que se resumem em exatas, biológicas e humanas, pode-se afirmar que no futebol os avanços mais significativos vieram de contribuições da biologia.

A partir das reflexões advindas da filosofia e metodologia de trabalho desenvolvido por José Mourinho, evidenciando seus diferenciais, pode-se dizer que, desta vez, as alterações advêm não mais das ciências biológicas, mas sim a partir das ciências humanas. E dentre as várias áreas das ciências humanas, como a filosofia, a antropologia, a sociologia, posso destacar a pedagogia, mais especificamente, a pedagogia do esporte.

Como ficou evidente ao longo do ensaio, a pedagogia do esporte expressa em José Mourinho poderá não só compensar a defasagem de conhecimentos referentes a treinamentos técnico-táticos, quanto trazer no bojo de suas contribuições o germe da interdisciplinaridade, criar ambientes de aprendizagem, possibilitando que ciências humanas e biológicas possam unir forças e estudos para, de forma integrada, elevar o nível de excelência do e no futebol. O exemplo de José Mourinho deve ser cada vez mais investigado na academia e aplicado no mundo da bola, para o bem da pedagogia do esporte e suas novas tendências.

Notas

* Alcides José Scaglia é doutor em Pedagogia do Movimento pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2003) e docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da UNICAMP, no curso de Ciências do Esporte. Possui experiência na área de Educação Física e de Esportes, desenvolvendo estudos, projetos e pesquisas nas áreas de Educação Física Escolar e Pedagogia do Esporte, com ênfase em metodologia de ensino-treinamento dos jogos coletivos de invasão, futebol da iniciação ao treinamento e pedagogia do jogo. Atualmente é coordenador do Laboratório de estudos em Pedagogia do Esporte na FCA-UNICAMP e professor-pesquisador no programa de mestrado e doutorado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e do Programa de mestrado em Nutrição, Esporte e Metabolismo na FCA-UNICAMP. E-mail: alcides.scaglia@gmail.com

Referências

AMHURST, John. **Mourinho: eu sou especial**. Cruz Quebrada: Casa das Letras, 2006.

BARCLAY, Patrick. **Mourinho: anatomia de um vencedor**. Porto: Público, 2006.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dina livros, 1994.

BENTO, Jorge Olímpio, MOREIRA, Wagner Wey. **Homo sportivus: o humano no homem**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012.

BOUTINET, Jean-Pierre. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2001a.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2001b.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária: um brasileiro chamado Garrincha**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1999.

FERRY, Luc. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos**. RJ: Objetiva, 2007.

FREINET, Célestin. **Educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

- _____. **Jogo: entre o riso e o choro.** Campinas: Autores Associados, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GARGANTA, Júlio. Para uma teoria dos jogos coletivos desportivos. In: GRAÇA, Amândio; OLIVEIRA, José (org.). **O ensino dos jogos desportivos.** Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1995.
- GRECO, Pablo Juan; BENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação Esportiva Universal I: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- GRECO, Pablo Juan (org.). **Iniciação Esportiva Universal II: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- GRÉHAIGNE, Jean-Francis. **La organización del juego de fútbol.** Barcelona: INDE, 2001.
- GRIFFIN, Linda L. et al. **Teaching sport concepts and skill: a tactical games approach.** Champaign: HumanKinetics, 1997.
- GUIRALDELLI JR., Paulo. **O que é filosofia,** 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5bkHIGi4JpM>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. **O poder dos projetos.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- JACQUARD, Albert. **Elogio da diferença.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **A herança da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 1989
- KRÖGER, Christian; ROTH, Klauss. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos.** São Paulo: Phorte, 2002.
- KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: perspectiva, 2003.
- _____. **A tensão essencial.** São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- LEONARDO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva. O ensino dosesportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.
- LOURENÇO, Luís. **Mourinho: A descoberta Guiada.** São Paulo: Almedina Brasil, 2010.
- _____. **José Mourinho: um ciclo de vitórias.** Lisboa: Primebooks, 2006.
- LOURENÇO, Luís, ILHARCO, Fernando. **Liderança: as lições de Mourinho.** Lisboa: Booknomics, 2007.
- MARINHO, José. **José Mourinho: vencedor nato.** Lisboa: Texto Editores: 2007.

- MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Viver para Contar**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1999.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- _____. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MESQUITA, Isabel; GRAÇA, Amândio. Modelos Instrucionais no ensino do Desporto. In: ROSADO, António Fernando Boletto; MESQUITA, Isabel. **Pedagogia do Desporto**. Lisboa. Universidade Técnica de Lisboa: 2009.
- MESQUITA, Isabel. Contributo para a estruturação das tarefas no treino de Voleibol. In: OLIVEIRA, José; TAVARES, Fernando. **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos/Universidade do Porto, 1996.
- MORIN, Edgar. **O Método I**. Porto Alegre: Sulina, 2002a.
- _____. **O Método II**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- _____. **A religião dos saberes**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002b.
- _____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MOURINHO, José. Para um conhecimento- emancipação. In: SOUSA, José Antunes de (org.). **Motrisofia: homenagem a Manuel Sérgio**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- OLIVEIRA, Bruno; AMIEIRO, Nuno; RESENDE, Nuno; BARRETO, Ricardo. **Mourinho: porquê tantas vitórias?** Lisboa: Gradiva, 2006.
- OLIVEIRA, José; TAVARES, Fernando. **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto. Centro de Estudos dos Jogos Desportivos/Universidade do Porto, 1996.
- OSTERMANN, Ruy Carlos. **Felipão: a alma do penta**. Porto Alegre: Zero Hora editora, 2002.
- PAES, Roberto Rodrigues. A Pedagogia do Esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR., Dante de (org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.
- PIAGET, Jean. **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos: 1978.
- _____. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. **Biologia e Conhecimento**. São Paulo: Vozes, 2003.
- PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

_____. **As leis do caos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

REVERDITO, Rilles Silva; SCAGLIA, Alcides José. **Pedagogia do esporte**. São Paulo: Phorte, 2009.

_____. A gestão do processo organizacional do jogo: uma proposta meticológica para o ensino dos jogos coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 1, p. 51-00, 2007.

REZENDE, Bernardo Rocha de. **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

RIBEIRO, André. **Fio de esperança**: biografia de Telê Santana. Rio Janeiro: Gryphus, 2000.

RODRIGUES, Ernesto. **Ayrton**: o herói revelado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

_____. **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SÉRGIO, Manuel. **Carta aberta ao treinador José Mourinho** (2013). Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br/Coluna/12127/Carta-aberta-ao-doutor-Jose-Mourinho>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

_____. **Filosofia do Futebol**. Lisboa: PrimeBooks, 2011.

_____. **Textos Insólitos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva; GALATTI, Larissa Rafaela. A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas. In: MARINHO, Alcyane; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (org.). **Legados do esporte brasileiro**. Florianópolis, Ed. UDESC, 2014.

_____. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira do; RAMOS, Valmor; TAVARES, Fernando (org.). **Jogos Desportivos**: formação e investigação. Florianópolis: Ed. UDESC, v. 4, p. 133-170, 2013.

SCAGLIA, Alcides José; REVERDITO, Riller Silva; LEONARDO, Lucas; LIZANA, Cristian. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento, Revista da Escola de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, Online, v. 19, n. 4, p. 1-30, out./dez. 2013.

SCAGLIA, Alcides José. As novas tendências em Pedagogia do Esporte. In:

BALBINO, Hermes Ferreira. **Inteligências Múltiplas**: uma experiência em pedagogia do esporte e da atividade física no Sesc São Paulo. São Paulo: Ed. SESC, 2014.

_____. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. In FREIRE, João Batista; VENÂNCIO, Silvana. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005a.

SCAGLIA, Alcides José. Jogo: um sistema complexo. In: FREIRE, João Batista, VENÂNCIO, Silvana. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005b.

_____. **O futebol e as brincadeiras de bola**: a família dos jogos de bola com os pés. São Paulo: Phorte, 2011.

_____. **O principal diferencial de José Mourinho**: treinos devem preparar para as situações e problemas do jogo. Universidade do Futebol, 2008. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br/Coluna/7737/O-principal-diferencial-de-Jose-Mourinho>>. Acesso em: 23. Abr. 2015.

VIGOTSKI, Lev. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WINNICOTT, Donald W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

WINTER, Brian. **Pelé**: a importância do futebol. Santos: Realejo edições, 2014.

Recebido em: abril de 2015.

Aprovado em: maio de 2015.